

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I.L.
Nº 18

DEZEMBRO DE 1997

130 anos - Uma trajetória da Literatura Japonesa Moderna

Meiko Shimon*

Introdução

O Japão está comemorando os 130 anos da Restauração Meiji que ocorreu em 1868. Após mais de dois séculos do isolamento voluntário, o Japão abriu suas portas e suas mentes ao Ocidente. Na ânsia de igualar-se ao desenvolvimento do Ocidente, o Japão procurou livrar-se de séculos de tradição. Tudo quanto fosse antigo, tradicional, torna-se sinônimo de retrógrado, enquanto o que vinha do Ocidente era considerado moderno e de qualidade. O processo de assimilação do Ocidente expandiu rápido e modificou os costumes japoneses em questão de décadas, mas demorou a atingir a literatura. Isto porque, no final do período Edo (1603-1867), a ficção japonesa havia decaído a um nível de puro entretenimento, não merecendo a atenção do público sério, como também, fazer literatura era visto como uma ocupação indigna do homem de caráter.

Período Meiji (1868-1912)

O contato com a literatura ocidental que revelava as possibilidades do realismo, coerente com a nova sociedade em transformação, reverteu radicalmente a importância e a necessidade da literatura de ficção e, já na década de 1880, os japoneses haviam estudado e absorvido o essencial das literaturas ocidentais. Isto não significa que os escritores japoneses tinham simplesmente imitado, mas souberam adaptá-las na criação da própria literatura moderna japonesa. Isto só foi possível porque havia uma sólida base de tradição cultural que possibilitou aos jovens literatos analisarem e assimilarem a Literatura Moderna ocidental. Os principais escritores responsáveis por essa modernização eram homens eruditos que não somente entendiam da literatura ocidental, mas tinham elevado conhecimento da literatura japonesa do passado.

O primeiro romance que realmente marcou o início da literatura moderna japonesa surgiu em 1887. Embora não fosse, do ponto de vista de hoje, uma obra de grande mérito literário, o romance *Ukigumo* (As nuvens flutuantes) causou um enorme impacto por adotar a linguagem do cotidiano ao tratar de gente comum, enfrentando as crises do seu dia-a-dia. O autor Futaba Teishime¹ (1864-1909), que estudou o russo, era funcionário da elite do governo Meiji e escreveu *Ukigumo* sob a influência da literatura russa da sua época.

* Professora do Setor de Japonês do Depto. de Línguas Modernas do IL.

¹. Os nomes japoneses neste artigo obedecem à forma usual no Japão, ou seja, sobrenome seguido de prenome.

No aspecto teórico, a maior contribuição foi de Tsubouchi Shôyo (1859-1935), que estudou literatura inglesa e crítica literária. O tratado *Shôsetsu shinzui* (1886, As essências da literatura) produziu imensa e prolongada influência na ideologia literária de jovens escritores. Shôyô não via a ficção tradicional japonesa inferior à ocidental, ela ficara presa aos hábitos e valores de uma época passada e tinha pouco a oferecer ao público de uma nova realidade. O novo ficcionista japonês tinha de encarar as realidades que o cercavam e expressá-las em uma nova linguagem literária, muito mais próxima à linguagem falada pelos leitores da nova era.

A questão da nova linguagem evoluiu em um movimento a favor da unificação de língua falada e escrita (*genbun icchi*). Muitos escritores tentaram escrever sob essa perspectiva e, na maioria das vezes, sem resultado imediato. O sucesso de *genbun icchi* só se tornou realidade após longas décadas de esforço dos escritores.

Em conseqüência de *Shôsetsu shinzui*, surgiram duas correntes que abriram o caminho para o desenvolvimento da literatura japonesa moderna. Uma é formada pelo grupo que adotou o estilo neoclássico e conservador, interpretando a ideologia de Shôyô como encorajamento para revalorizar a ficção melodramática da era Edo. Os escritores desta corrente procuraram aprimorá-la, acrescentando-lhe um toque de modernidade como a descrição do sentimento humano, suas condições sociais e modos de vida. Essa corrente ganharia mais tarde importantes nomes como Nagai Kafû (1879-1959), que depois de viver alguns anos na França e nos Estados Unidos passou a escrever em estilo de 'culto ao belo', ligado ao mundo remanescente da cultura de Edo, e Tanizaki Jun'ichirô (1886-1965), o maior representante do esteticismo japonês, com seus romances imersos no mundo do prazer carnal e deslumbramento pela beleza feminina.

Outro grupo, que optou pelo realismo-naturalista, tornou-se a principal corrente da literatura japonesa. Sua contribuição mais importante foi o estabelecimento de um gênero de romances confessionais designado por *shishôsetsu* ou *watakushi-shôsetsu* (romances do eu): inspirados na vivência pessoal do autor, tornam públicos seus conflitos internos meticulosamente analisados. O precursor deste gênero foi Tayama Katai (1871-1930) com sua obra *Futon* (1907, O acolchoado), na qual expõe a angústia de um escritor de meia-idade que, apesar de estar casado e ter filhos, sente-se atraído por uma jovem discípula. Trata-se de um tema banal, no entanto revelar a intimidade de sua fraqueza carnal era um ato inédito que fez estremecer a sociedade de então, ainda presa aos rígidos preceitos confucionistas. O *shishôsetsu* tornou-se uma presença constante na literatura japonesa e sua influência se faz sentir mesmo nos dias atuais. O maior representante do naturalismo japonês é, no entanto, Shimazaki Tôson (1872-1943) que se consagrou ainda jovem como o maior poeta romântico de *shintaiishi* (poema de estilo ocidental). Passando a escrever em prosa, adotou o estilo naturalista e, com o romance *Hakai* (1906, Quebra de convenções) que

retrata o perfil psicológico de um professor de origem *burakumin*, um grupo minoritário e discriminado da sociedade japonesa, estabeleceu os fundamentos do naturalismo japonês.

Entretanto, os dois nomes mais marcantes da literatura japonesa, tomando como um todo, são Mori Ôgai (1862-1922) e Natsume Sôseki (1867-1916) que se mantiveram à margem desses movimentos literários.

Ôgai era médico oficial do Exército japonês. Foi enviado para estudar na Alemanha, onde conheceu e se apaixonou pela bailarina chamada Elis, porém foi aconselhado a deixá-la e retornar ao Japão. Baseado nessa experiência, escreveu *Maihime* (1890, A bailarina), que se tornou um clássico da literatura japonesa. Além de exercer sua profissão de médico, dedicou-se à literatura, traduzindo importantes obras literárias e de teorias literárias européias. Suas ficções como *Gan* (1911, O ganso selvagem) e *Takase-bune* (1916, O barco do rio Takase) expressam, em um estilo erudito e lírico, a harmonia de um espírito realista e idealista com um toque de nobre renúncia.

Natsume Sôseki é sem dúvida a maior expressão da literatura moderna e um dos maiores ficcionistas da Literatura Japonesa de todos os tempos. Formou-se em Literatura Inglesa e tornou-se professor, foi enviado para a Inglaterra mas permaneceu apenas dois anos incompletos (1899-1902). Sôseki era um erudito e haicaísta com elevado conhecimento da língua chinesa. Suas angústias baseavam-se no reconhecimento da contradição entre a prática da modernidade e a realidade do seu país. Em sua curta carreira de escritor que iniciou com *Wagahai wa neko de aru* (1905, Eu sou um Gato), criou romances até hoje aclamados como obras de primeira linha. Expectativas e conflitos vivenciados por seus heróis, homens de classe média como todos, são tratados com profunda análise psicológica, camuflada, de certa forma, com humor e ironia.

Períodos Taishô (1912-1926) e Shôwa anterior à II Guerra (1926-1941)

A era Taishô, que teve apenas quinze anos incompletos, foi um período de transição e não chegou a estabelecer uma característica literária própria. Os escritores que se consagraram na era Meiji continuaram com sua produção e, em torno deles reuniam-se jovens aspirantes, formando assim 'escolas' ou grupos de diferentes tendências. Akutagawa Ryûnosuke (1892-1927) é o único que tem seu período criativo totalmente compreendido na era Taishô, porém seu estilo não representa a tendência predominante da época. Akutagawa freqüentava o círculo literário de Sôseki e escreveu somente contos, evitando assuntos confessionais que revelassem a sua intimidade, buscando temas variados, desde histórias e lendas do Oriente e Ocidente, até os episódios da sua época.

Na mudança de eras Taishô para Shôwa, em 1926, o mundo literário japonês vivia em intensos movimentos literários. Grandes transformações de valores ideológicos e culturais verificadas no Ocidente após a I Grande Guerra e a Revolução Russa repercutiram também no Japão com igual intensidade. Surgiram

os movimentos literários antinaturalistas liderados por jovens escritores insatisfeitos com o prolongado domínio de *shishōsetsu*. É certo que os movimentos nasceram estimulados por novas ideologias ou movimentos nascentes na Europa e nos Estados Unidos. Havia uma diferença fundamental entre eles se comparados com aqueles pioneiros da era Meiji, pois estes já atingiram um nível de amadurecimento capaz de reconhecer valores sociais e ter consciência da literatura engajada.

O movimento modernista japonês foi protagonizado por duas correntes principais: o movimento proletário com a orientação marxista, que objetivava a "literatura da revolução", e o movimento neo-sensualista ou *Shinkankakuha* que almejava a "revolução da literatura". Respalado pelo intenso movimento revolucionário e apoiado pela imprensa, a literatura proletária praticamente engoliu e arrastou a maioria dos escritores japoneses por mais de uma década. O representante mais expressivo é Kobayashi Takiji (1903-1933), que se consagrou com *Kanikōsen* (1929, O barco dos caranguejos), no qual ele denuncia a escravidão de trabalhadores e a luta reivindicatória de seus direitos. O movimento, contudo, sofreu pressão do governo militar e literalmente foi esmagado, terminando com a prisão de muitos dos ativistas. Takiji foi preso e morreu sob tortura.

Um aspecto notável deste movimento foi a participação de um grande número de mulheres escritoras. São muitas que sobreviveram aos tempos adversos e continuaram ou continuam ainda produzindo verdadeiras jóias da literatura. Entre essas, cabe citar Hayashi Fumiko (1903-1951) que não compartilhava da ideologia proletária, embora convivesse estreitamente com os integrantes do movimento. Em *Hôrôki* (1928-29, Memórias de uma errante), que se tornou um grande sucesso, ela escreveu sua vida atribulada pela miséria e frustrações amorosas.

O movimento de *Shinkankakuha* idealizado por Yokomitsu Riichi (1898-1945) e Kawabata Yasunari (1899-1997) nasceu em protesto ao naturalismo, mas visava combater também a literatura proletária por ser demasiadamente política e pouco artística. Este reunia jovens intelectuais influenciados pelas diversas correntes modernistas européias, sobretudo de técnicas narrativas de Joyce e Proust. Almejava criar um universo literário inovador pela apreensão da realidade através do sensorial acurado e da reestruturação da mentalidade. Contudo, os resultados alcançados foram apenas a originalidade e a técnica expressiva. Yokomitsu é, sem dúvida, o único representante legítimo deste movimento, pois Kawabata só utilizou esta técnica nos contos denominados mais tarde de *Tanagokoro no shōsetsu* (Contos que cabem na palma da mão). No auge do movimento modernista, ele escreveu *Izu no odoriko* (1926, A dançarina de Izu) que lhe deu uma fama definitiva, com uma narrativa que se aproxima do estilo naturalista, mas cheia de lirismo e muito pouco de *Shinkankakuha*. O movimento desapareceu, antes mesmo do fim trágico do movimento proletário, por falta de talentos que se identificassem realmente com sua ideologia.

A década de 1930 conheceu ainda um curto florescimento de "literatura-arte", chamado de Renascimento Literário. Grandes escritores que estiveram marginalizados pela força dos movimentos modernistas voltaram ao lugar de destaque com obras de grande valor literário. Surgiram novos talentos, como no caso de Okamoto Kanoko (1889-1939), que em sua curta carreira de escritora produziu uma torrente de romances, como *Kingyo ryōran* (1939, Danças frenéticas de peixinhos dourados), e Dazai Osamu (1909-1948) que viria a brilhar como representante do "grupo decadente", após a II Grande Guerra. Entretanto, o governo militar aumentou o rigor da censura e quem recusasse a colaborar com a propagação do nacionalismo e da política imperialista perderia definitivamente a oportunidade de publicar suas obras. Muitos escritores preferiram retirar-se e manter-se em silêncio como um modo passivo de contestação. O Japão mergulhou no período de escassez literária, salvo algumas obras de linha independente como Dazai ou de um novo gênero chamado "literatura da guerra".

Período Contemporâneo

Com o fim da II Guerra e grandes mudanças em todos os sentidos que modificaram radicalmente o modo de viver e pensar dos japoneses, surgiu uma nova era da literatura. Nos primeiros anos em que ainda se faziam sentir os efeitos da guerra e da derrota, predominavam as obras que relatavam experiências pessoais dos tempos de guerra. Decorrido 10 anos, o clima de anarquia havia desaparecido devido à melhoria da situação econômica do país, iniciando-se realmente o período da Literatura Contemporânea japonesa.

Um fenômeno que distingue o antes e o depois da guerra é a popularização da literatura devido à expansão do número de leitores e ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Escritores tornaram-se astros populares, produzindo os romances ao gosto do grande público. Mesmo os que tinham adquirido o *status* de grande mestre chegaram a experimentar o estilo mais leve e acessível. Os mais jovens que surgiram durante ou depois da guerra, na sua maioria, foram levados por esta torrente da literatura de massa. Poucos se preocuparam em manter a continuidade da "literatura-arte". Os escritores da nova geração que pertencem a essa minoria têm como precursor Mishima Yukio (1925-1970), seguidos por Abe Kōbō (1924-1993) e Ōe Kenzaburo (1935-), os autores que hoje alcançaram o renome internacional, sendo conhecidos também no Brasil.

Um outro fenômeno peculiar da nova era é a internacionalização da literatura japonesa. Antes da II Guerra, apenas umas poucas obras clássicas eram conhecidas no Ocidente, como *Genji monogatari*² e *Makura no shōshi*³, além dos haicais. Até a tradução inglesa de *Yukiguni* (1937, O país da neve), de Kawabata Yasunari, por Edward Saidensticker, em 1956, nenhuma obra da literatura moderna

². História de Genji: provável autoria de Murasaki Shikibu (973? - ?).

³. As crônicas de travesseiros: de Seishōnagon (966? - ?)

japonesa era conhecida no Ocidente. O Prêmio Nobel de Literatura concedido a Kawabata Yasunari, em 1968, era, sobretudo, devido à beleza exótica que suas obras inspiravam nos leitores ocidentais. Já o Nobel de 1994 para Ôe Kenzaburo foi concedido pelo mérito da universalidade das questões abordadas: as neuroses e conflitos existenciais originados pela perda de identidade de indivíduos envolvidos no grande mecanismo da modernidade, que anula o valor humanitário, as ameaças nucleares e os problemas ecológicos.

Muitos escritores japoneses de hoje têm sua obra traduzida para várias línguas estrangeiras, e eles costumam freqüentar os círculos literários em nível mundial. Das novas gerações que surgiram nos últimos vinte anos, é difícil selecionar um ou outro nome e anunciá-lo como provável precursor da literatura japonesa do futuro. Com muita cautela, poderia citar Yoshimoto Banana (1964-), a autora do romance *Ketchen* (1986, Kitchen) recentemente traduzido para o português, um talento muito precoce mas já com uma postura de analisar com seriedade e com ternura os problemas universais enfrentados pela juventude da sua geração.

Referências Bibliográficas

- GICK, Paulo Warth. "Panorama da Literatura Japonesa". In: SHIMON, Meiko. *O canto da terra- Antologia do conto contemporâneo japonês*. Porto Alegre, Movimento, 1994, p.16-21.
- ICHIKO, Teiji. *Nihon bungaku zenshi* (História completa da Literatura Japonesa). v.6, Período Moderno. Tóquio, Gakutôsha, 1994.
- KEENE, Donel. *Nihon bungaku no rekishi* (História da Literatura Japonesa). v.13. Períodos Moderno e Contemporâneo. Tóquio, Chûôkônsha, 1996.
- OKUNO, Takeo. *Nihon bunkakushi - Kindai kara gendai e* (História da Literatura Japonesa - do moderno ao contemporâneo). Tóquio, Chûôkônsha, 1995.
- WAKISAKA, Geny. "Introdução". In: *CEJ/USP. Contos da era Meiji*. São Paulo, CEJ/ USP, 1993, P.11-18
- _____. Introdução. In: *CEJ/USP. Contos modernos japoneses*. São Paulo, CEJ/USP, 1993, P.11-19.

Tradução e sociocrítica literária

Moacyr Gomes Junior*

O sujeito que escreve transporta, transpõe e transforma, no espaço de sua própria escritura, em um novo conjunto textual em via de formação, elementos já codificados em e por uma multidão de outros discursos (BELLEAU, 1981 apud BRISSET, 1990:29).¹

No universo da crítica literária de hoje, os métodos de análise mais tradicionais como a sociologia da literatura cederam terreno à sociocrítica literária, principalmente na Europa e na América do Norte. Ela considera o texto como um mosaico de outros, trabalhando, assim, sob a perspectiva do reconhecimento dos discursos que compõem outros textos. A sociocrítica preocupa-se com a formação discursiva do texto procurando se distanciar da sociologia da literatura de Goldmann. De fato, a confusão conceptual no que diz respeito à terminologia sociológica causa problemas aos sociocríticos, visto que por trás destes dois gêneros de análise encontram-se questões sociais. No entanto, é fácil isolar seu objeto de análise, se recorrermos à noção de *discurso* totalmente ausente na abordagem sociológica. A partir do momento em que nos lançamos neste gênero de análise —e, neste campo, trata-se exclusivamente de romances—, aceitamos o fenômeno denominado *teoria do reflexo*, o que quer dizer que o texto literário nos remete diretamente ao *referente*, ou seja, àquilo que o texto explora: a estrutura e as relações sociais, as classes sociais, entre outras coisas. O texto torna-se, neste caso, uma espécie de "vidro" que permite ver e criticar a realidade imediata. O texto não tem uma vida autônoma, já que ele é apenas o reflexo de uma realidade que, de uma determinada maneira, lhe é extrínseca. Privilegiando o "fora", a sociologia goldmanniana ignorava, então, a noção de discurso, tão importante, fundamental mesmo, para a análise sociocrítica. É necessário, igualmente, sublinhar que a análise sociológica encobre uma tendência combativa, delatora de injustiças sociais, enquanto que a sociocrítica elabora sua análise apoiada sobretudo na noção de poder tal como a compreendeu Foucault: *um poder relacional*² (BERND, 1992) sem relação com a denúncia, um poder que se manifesta no seio dos entrelaçamentos discursivos em circulação em um estado de sociedade. Ora, é

Tradução: Clarissa Gregory Brunet

* Mestre em Letras, na área de Literaturas Francófonas, pela UFRGS em 1994.

¹ N.T.: Em francês: Le sujet écrivain transporte, transpose et transforme dans l'espace de sa propre écriture, dans un nouvel ensemble textuel en voie de formation, des éléments déjà codés dans et par une multitude d'autres discours.

² N.T.: Em francês: [...] un pouvoir relationnel.